

Jefferson recebe PF com granadas e tiros, mas acaba preso

DESOBEDIÊNCIA ARMADA
Roberto Jefferson atira e lança granada antes de ser preso pela PF

AGUIRRE TALENTO, PAULA FERREIRA, JAN NIKLAS E PAULLA SERRA

O ex-deputado federal Roberto Jefferson foi preso ontem pela Polícia Federal depois de um cerco que durou oito horas em frente à sua casa, em Comendador Levy Gasparian (RJ). Descumprindo a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que determinava a conversão da prisão domiciliar em regime fechado, Jefferson se negou a receber os agentes, contra quem atirou de fuzil e lançou granadas — dois ficaram feridos, mas sem gravidade. Pouco depois das 19h, o ex-parlamentar, presidente afastado do PTB, se entregou e foi levado para a Superintendência da PF no Rio, numa viatura da corporação, seguido por um comboio da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope). A negociação para a rendição foi acompanhada pelo ministro da Justiça, Anderson Torres, por determinação do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Jefferson teve o retorno à cadeia decretado pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, que considerou que o ex-deputado desobedeceu medidas cautelares impostas no momento em que seguiu para a detenção em casa, em janeiro. Por ter atirado contra os policiais, ele também foi preso em flagrante por dupla tentativa de homicídio. Os agentes cumpriram ainda mandados de busca e apreensão.

O GLOBO apurou que o setor de inteligência da PF detectou informações de que Jefferson pretendia esperar até terça-feira, prazo limite para prisões em flagrante às vésperas das eleições, para tentar tumultuar o processo eleitoral.

As imagens mostram pelo menos 20 tiros na parte dianteira da viatura da Polícia Federal, distribuídos entre o teto e o vidro blindado do veículo, que passou por uma pericia, etapa que vai determinar a quantidade exata de disparos. Agentes da PF que participaram da ação afirmaram que Jefferson che-



Disparos. Viatura da Polícia Federal foi rebocada até a Superintendência da PF, no Rio; pericia vai determinar quantidade exata de tiros efetuados por Jefferson

gou a trocar o carregador da arma enquanto atirava e teria usado mais de uma granada. Um policial destacou que um carregador de fuzil comporta 50 projéteis.

Moraes fundamentou a prisão de Jefferson alegando que ele passou orientações a correlegionários do PTB, concedeu entrevistas e compartilhou notícias falsas via redes sociais. No episódio mais re-



Jefferson. Resistência a bala

cente, que gerou manifestações de repúdio nos meios político e jurídico e foi o estopim para a prisão, o ex-parlamentar atacou a ministra Cármen Lúcia, do STF, com ataques machistas e misóginos. Ele a comparou a uma prostituta devido a seu posicionamento em decisões que puniram a emissora Jovem Pan por não dispensar tratamento isonômico aos candidatos à Presidência.

"Está largamente demonstrada, diante das repetidas violações, a incapacidade das medidas cautelares de cessar a ação de Jefferson, o que indica a necessidade de restabelecimento da prisão", escreveu Moraes.

"SAIAM, QUE VOU PEGAR VOCÊS" O ministro cita no despacho também um áudio em que Jefferson orienta integrantes do PTB, uma entrevista à Jovem Pan e vídeos com notícias falsas sobre o Poder Judiciário e ataques a ministros do STF — em um deles, diz que Moraes é "chefe da

milícia judicial".

Preso desde agosto de 2021, por divulgar vídeos que, no entender do STF, atacavam os poderes da República e o Estado Democrático de Direito, no âmbito do inquérito que apura a ação de milícias digitais, em Jefferson teve a prisão preventiva convertida em domiciliar em janeiro. Na ocasião, a Justiça determinou cinco medidas cautelares que deveriam ser cumpridas por ele: uso de tornozeleira eletrônica; proibição de qualquer comunicação exterior incluindo uso de redes sociais próprias ou de outras pessoas; proibição de receber visitas sem autorização judicial (exceto de familiares); proibição de conceder entrevista a menos que seja autorizado pela Justiça; e proibição de se comunicar com outros investigados no inquérito que apura a existência de milícias digitais antidemocráticas.

Enquanto se recusava a cumprir ordem judicial, Jefferson gravou vídeos, distribuídos por aliados via aplicativos de mensagens,

A CRONOLOGIA DA PRISÃO

Final da manhã Cristiane Brasil, filha de Jefferson, publica em suas redes que ele está "trocando tiros com a PF" em casa.

13h Jefferson divulga vídeos afirmando que resistirá à prisão atirando.

14h Bolsonaro chega ao bloqueio feito pela polícia próximo à casa.

15h30m Bolsonaroistas agredem cinegrafista, que desmaia e é hospitalizado.

17h30m Padre Kelmon, que chegou às 16h15m, entrega um fuzil à PF.

19h Jefferson se entrega.

em que reconhecia o ataque aos agentes e dizia que não iria se entregar. "Não atirei em ninguém para pegar. Foi no carro, perto deles. Falei: 'Saíam, que vou pegar vocês'", disse. As imagens mostram, via circuito interno de câmeras, policiais do lado de fora da casa. Filha do parlamentar, a ex-deputada Cristiane Brasil pediu nas redes sociais que apoiadores se dirigissem aos arredores da residência para demonstrar apoio a Jefferson — havia um grupo em torno de cem pessoas no local, entre apoiadores e moradores curiosos com a movimentação. "Meu pai não atirou em ninguém. O policial foi atingido apenas na troca de tiros por estilhaços de bala", acrescentou a ex-deputada no Twitter. A conta dela foi derrubada depois, por determinação da Justiça. Em outro vídeo disseminado via WhatsApp, um amigo de Jefferson, não identificado, disse que estava na casa e que o objetivo seria tirá-lo dali em segurança.

A PF também vai investigar como Jefferson, que estava sob o regime de prisão domiciliar, conseguiu ter armas de grosso calibre em casa, ainda que tenha registro de Colecionador, Atirador e Caçador (CAC). Um decreto de 2019 assinado por Bolsonaro também proíbe o armazenamento em casa de produtos de controle exclusivo do Exército, caso de granadas.

A noite, o ministro da Justiça, Anderson Torres, usou as redes sociais para comentar a prisão de Roberto Jefferson. Ele chamou o ex-parlamentar de infrator, disse que os fatos são graves e prestou solidariedade aos policiais feridos na operação e à ministra Cármen Lúcia.

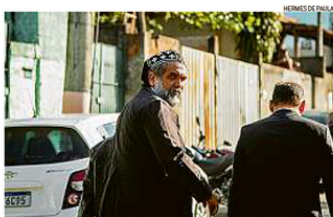
"Nesse momento, eu gostaria de me solidarizar com os policiais federais, machucados nesse evento. Graças a Deus, todos estão bem. Voltando um pouco na linha do tempo, me solidarizar com a ministra Cármen Lúcia, disse, em vídeo gravado da delegacia de Juiz de Fora (MG), de onde acompanhou o caso.

Também à noite, em nota, a Polícia Federal informou que a prisão foi cumprida "após intensa negociação entre a Polícia Federal e o investigado, que ofereceu resistência inicial ao cumprimento da decisão judicial com o uso de arma de fogo e explosivos". O texto dizia ainda que a perícia técnica criminal já estava trabalhando na casa de Jefferson e nos arredores. (Colaboraram Arthur Lail e Bruno Góes)

De volta à cena, Padre Kelmon negocia com policiais

Além de aliados, curiosos, bolsonaristas e lulistas se aglomeraram ao longo do dia diante da residência do ex-parlamentar

Depois que Roberto Jefferson publicou o vídeo relatando que havia atirado contra policiais federais que tentaram prendê-lo e sua filha, a ex-deputada federal Cristiane Brasil (PTB), usou seus perfis nas redes (suspensos logo depois) para incentivar apoiadores a se dirigirem em peso à casa do pai, uma pequena multidão começou a se formar próximo à residência do ex-parlamentar em Levy Gasparian. Um dos



Padre Kelmon. Religioso foi aplaudido por bolsonaristas na chegada ao local

presentes foi Padre Kelmon, que se candidatou a presidente pelo PTB.

Além de curiosos, dezenas de bolsonaristas passaram a dividir espaço com agentes e carros das polícias militar e federal, muitos deles vestidos com camisas do Brasil e exibindo adesivos com o nome de Bolsonaro ou de Jefferson. Mais tarde, foi a vez de simpatizantes do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) começarem a chegar. Os

grupos procuraram se manter afastados, mas houve provocações de parte a parte.

Os bolsonaristas hostilizaram também os jornalistas presentes. O cinegrafista Rogério de Paula, da Inter TV, afiliada da TV Globo, foi empurrado e agredido com um soco, foi derrubado, desmaiou e seguiu a ter convulsões, segundo testemunhas. Ele foi socorrido por bombeiros e levado para um hospital no município de Três Rios, ao

lado de Levy Gasparian. Os agressores foram abordados pela PM e liberados.

Padre Kelmon, que era desconhecido no meio político até participar de debates no primeiro turno — nos quais fez dobradinha com o presidente Jair Bolsonaro — teve um papel essencial para o desfecho do episódio. Pouco mais de uma hora após sua chegada, o religioso entregou à PF a arma que foi usada por Jefferson para atirar contra policiais. A pastora e ex-deputada federal Liliam Sá (PTB) também esteve no local, seguindo ela, para prestar "amparo espiritual" ao ex-parlamentar, mas não foi autorizada a entrar. (Jan Niklas)

Bolsonaro tenta se dissociar de aliado após tiros

Presidente repudiou ação de Jefferson logo após o episódio vir à tona, mas, com a evolução do caso, subiu o tom mais tarde e o chamou de 'bandido'. Campanha de Lula explora o tema e atribui 'clima de ódio' no país ao bolsonarismo

JUSSARA SOARES E BRUNO GÓES
politicaglobo.com.br
BRASIL

A agressão violenta do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) a policiais federais ontem motivou uma reação imediata da campanha de Jair Bolsonaro (PL). No momento em que o presidente tenta atrair o voto de indecisos com um discurso moderado, pedindo desculpas na TV por seus excessos, a ação extrema do aliado foi vista por pessoas próximas ao presidente como um fato com potencial de jogar o esforço por água abaixo. Para tentar minimizar o impacto negativo do episódio, o candidato à reeleição foi rápido ao tentar se dissociar do petebista, repudiando o ataque minutos após o ocorrido. Logo que a prisão foi confirmada, divulgou um vídeo em que o chama de "bandido".

A expectativa de aliados era que a primeira postagem pudesse estancar a crise, mas não foi suficiente. Na publicação, apesar de repudiar o ataque, Bolsonaro também criticava inquérito aberto pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, autor da ordem de prisão. A repercussão negativa dos detalhes da ação, que deixou dois policiais feridos, pressionou Bolso-

naro a condenar Jefferson de forma mais direta.

Ao longo do dia, a conduta de aliados foi mudando. A defesa do ex-parlamentar, com postagens críticas a Moraes, deu lugar a mensagens condenando a ação armada. A senha para a nova abordagem foram as publicações de Bolsonaro.

'NÃO TEM FOTO'

Como mostrou a colunista Bela Megale, do GLOBO, o caso gerou um curto-circuito na campanha. Uma das evidências foi a justificativa da ordem de Bolsonaro para o ministro da Justiça, Anderson Torres, acompanhar o caso. Coordenadores da campanha afirmaram que ele iria ao local para "repudiar" o ataque à PF já a assessoria de imprensa do ex-deputado disse que o ex-parlamentar exigiu a presença do ministro para negociar sua entrega. Torres não chegou a ir à casa de Jefferson.

O deputado Ottoni de Paula (MDB-RJ), linha de frente do bolsonarismo, afirmou que o presidente mandaria até mesmo as Forças Armadas para proteger "o nosso Roberto Jefferson".

Auxiliares haviam orientado o presidente a não se estender sobre o assunto com o objetivo de evitar trazer para ele



Relação. Jefferson e Bolsonaro em registro publicado por página do PTB: presidente negou ter fotos com ex-deputado



Tática. Presidente agora tenta se desvincular para evitar prejuízo eleitoral

a crise desencadeada por Jefferson. Além das postagens, Bolsonaro falou rapidamente sobre o episódio em uma live com aliados no fim da tarde. Ao abordar o episódio, o ministro das Comunicações, Fábio Faria, negou vínculo do petebista com a campanha, ao que Bolsonaro emendou "não ter foto" com o ex-deputado. Foi prontamente desmentido nas redes sociais por imagens de encontros no Palácio do Planalto.

À noite, em um pronunciamento convocado às pressas, voltou a negar vínculos.

'PARCELA RAIVOUSA'

Do outro lado da disputa eleitoral, Lula e seus apoiadores foram no sentido contrário ao reforçar os vínculos de Jefferson com Bolsonaro e o bolsonarismo. Nas redes sociais, o deputado federal André Janones (Avante-MG) cabeceou a estratégia, atribuindo ao petebista a função de coordenador de campanha do adversário, o que foi negado. O candidato petista, por sua vez, afirmou em entrevista que a reação teria sido motivada pela criação de uma "parcela raivosa da sociedade brasileira" durante o governo Bolsonaro.

Um dos principais nomes da campanha de Lula, o ex-governador Wellington Dias (PT) também foi na mesma linha e gravou um vídeo em qual critica o "clima de ódio" que tomou o país nos últimos anos. A intenção da campanha petista é explorar o episódio nos próximos dias, reforçando a ligação de Jefferson com o Planalto e como símbolo do bolsonarismo. A avaliação é que o discurso radical e antidemocrático afasta esse eleitorado do candidato à reeleição. (Colaborou Ivan Martínez-Vargas)

sonar

A ESCUTA DAS REDES

A 6 DIAS DA ELEIÇÃO

Disparos em agentes desorientam base bolsonarista

por JULIA NOIA E MARLEN COUTO
politicaglobo.com.br

Os tiros disparados pelo ex-deputado Roberto Jefferson contra agentes da Polícia Federal ontem geraram um descompasso nas redes bolsonaristas. Levantamento da Arquimedes mostra a desorientação entre apoiadores de Jair Bolsonaro (PL). Houve críticas à ação violenta, realizada contra policiais, grupo próximo ao bolsonarismo, mas também um recálculo de rota usando o episódio para se queixar de "censura", tema que vem dominando o debate nas redes na última semana.

— Surge uma oportunidade de voltar com a pauta contra o TSE e o STF, alegando que fizeram isso com ele (Jefferson) porque tinha uma opinião diferente. E dialoga com a ideia de que ninguém quer que a Polícia Federal vá para a sua porta porque discorda de uma opinião — explica Pedro Bruzzi, sócio da Arquimedes. Esse foi o caso do vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), que inicialmente criticou a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF, para, depois, afirmar que "não se atira em polícia". A conta Te Atualizei, que soma 1,5 milhão de seguidores, repetiu o movimento ao questionar a prisão, mas discordou da atuação de Jefferson na situação.

Essa foi a estratégia desenhada por parcela expressiva das menções de bolsonaristas à pri-



Posts. Vereador Carlos Bolsonaro oscilou entre a crítica direta à ação de Jefferson e a queixa sobre "censura"



Casimiro. Flávio postou foto mudando 29 para 22

— sã do ex-parlamentar — a base de apoio ao presidente representou 39,7% dos perfis que movimentaram o debate sobre o ocorrido, ainda de acordo com a Arquimedes. O levantamento mostrou que foram 578 mil menções a Roberto Jefferson entre 11h e 17h de ontem.

A discussão sobre censura ganhou destaque nas redes na última semana, diante de decisões recentes do TSE. O número de menções a censura disparou 265% no período entre 18 e 22 de outubro, ante cinco dias anteriores, segundo levantamento da Quaest — 59% foram negativas, que acusam o TSE de censura contra Brasil Paralelo e Jovem Pan, e o termo "censura prévia" foi um dos mais comentados no período. No intervalo de tempo, as seis hashtags de maior projeção nas redes foram as que criticavam a suposta censura, conforme dados coletados pelo grupo Democracia em Xequê.

FAKE NEWS COM CASIMIRO

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) compartilhou, no sábado, uma montagem falsa em que o influenciador e streamer Casimiro aparece segurando balões com o número 22, legenda de Jair Bolsonaro (PL) na corrida pela Presidência. A imagem foi apagada do perfil de Flávio, mas chegou a ficar exposta por mais de 15 horas.

A foto original foi publicada no perfil oficial do Casimiro no Instagram na última sexta-feira, com o número verdadeiro, o 29, em comemoração de seu aniversário. A assessoria do influencer confirmou que a foto com balões formando 22 é falsa. Flávio se desculpou após o episódio.

COLADOS COM PADRINHOS

Os principais candidatos aliados do ex-presidente Lula (PT) e do presidente Jair Bolsonaro (PL) que disputam governos estaduais no segundo turno ampliaram ainda mais as citações a seus padrinhos políticos no Facebook, segundo um levantamento na plataforma Crowd-Tangle. Em São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) mencionou no primeiro turno o atual presidente em 33% de suas postagens no Facebook. Agora, já aconteceram em quase metade das suas 67 publicações feitas entre 3 de outubro e a manhã do último sábado.

A mesma tendência é observada no perfil de Fernando Haddad (PT), que fez menções a Lula em 80 das 163 postagens (50%), contra referências em apenas 24% das postagens, no primeiro turno. No Rio Grande do Sul, Onyx tem adotado a mesma estratégia, embora use com menos frequência o Facebook. Ainda assim, foram feitas desde 3 de outubro 33 postagens com citações a Bolsonaro, que equivalem a 70% do total. No primeiro turno, Onyx lembrou Bolsonaro em 40% de suas publicações. Na Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), que enfrenta ACM Neto (União), já havia adotado a tática de se colar em Lula no primeiro turno, e manteve a alta frequência. As menções representaram 85% dos posts no primeiro turno, e agora o índice foi a 90%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política Pagina: 4 a 7